

DO CABARÉ À INOVAÇÃO: MEMÓRIA, RUÍNA E RESSIGNIFICAÇÃO DO HOTEL CASSINA EM MANAUS

FROM CABARET TO INNOVATION: MEMORY, RUIN AND REINTERPRETATION OF THE CASSINA HOTEL IN MANAUS

Clodoaldo Matias da Silva¹

RESUMO: O estudo investiga a trajetória histórica do antigo Hotel Cassina, em Manaus, compreendido como patrimônio cultural atravessado por processos de opulência, decadência e ressignificação. O objetivo é analisar de que maneira a metamorfose do edifício, da condição de hotel de luxo ao funcionamento como cabaré e sua recente reinserção como centro de inovação, expressa diálogos entre memória coletiva, ruína e reinvenção urbana. A pesquisa utiliza metodologia qualitativa, fundamentada em análise documental, relatos orais, registros jornalísticos e revisão crítica de produções acadêmicas, buscando articular dimensões arquitetônicas, sociais e simbólicas. O percurso analítico evidencia que o Cassina não se restringe a um vestígio arquitetônico, mas funciona como palimpsesto urbano, no qual diferentes temporalidades se sobrepõem e se tensionam. A leitura do edifício como lugar de memórias múltiplas permite compreender que a ruína não representa apenas perda material, mas campo de possibilidades para novos usos sociais. A restauração e a transformação em “Casarão da Inovação” revelam a capacidade de o patrimônio urbano condensar passados contraditórios e projetar horizontes para a cidade contemporânea. A conclusão preliminar indica que o caso do Cassina contribui para problematizar o papel da preservação na vida urbana, demonstrando que os patrimônios culturais adquirem valor não apenas por sua permanência física, mas sobretudo por sua capacidade de gerar sentidos coletivos e reinscrever práticas sociais.

4009

Palavras-chave: Arquitetura. Memória. Patrimônio. Ruína. Urbanidade.

ABSTRACT: The study investigates the historical trajectory of the former Hotel Cassina in Manaus, understood as cultural heritage shaped by processes of opulence, decline, and re-signification. The aim is to analyse how the metamorphosis of the building, from a luxury hotel to a cabaret and its recent transformation into an innovation hub, expresses dialogues between collective memory, ruin, and urban reinvention. The research applies a qualitative methodology, based on documentary analysis, oral accounts, journalistic records, and a critical review of academic works, seeking to articulate architectural, social, and symbolic dimensions. The analytical approach highlights that Cassina cannot be restricted to an architectural remnant but operates as an urban palimpsest, where different temporalities overlap and interact. Understanding the building as a locus of multiple memories shows that ruin does not only signify material loss but also opens possibilities for new social uses. Its restoration and transformation into the “Casarão da Inovação” demonstrate the capacity of urban heritage to condense contradictory pasts while projecting horizons for the contemporary city. The preliminary conclusion indicates that the case of Cassina contributes to problematising the role of preservation in urban life, showing that cultural heritage acquires value not only through its physical permanence but also through its ability to generate collective meanings and re-inscribe social practices.

Keywords: Architecture. Heritage. Memory. Ruin. Urbanity.

¹Mestrando em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Ensino de Filosofia, Sociologia e História; Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica; Psicanálise, Psicoterapia e Psicopatologia do Adolescente; e, Cultura Indígena e Afro-brasileira pela Faculdade do Leste Mineiro - FACULESTE. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. Editor Assistente da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

INTRODUÇÃO

O Hotel Cassina, erguido no coração de Manaus durante o apogeu da borracha, materializa um espaço de sociabilidades, tensões e transformações urbanas que marcaram a cidade. Sua trajetória, da opulência à ruína e posterior ressignificação como polo de inovação, revela camadas de memória que ultrapassam o edifício e se projetam sobre a coletividade. Surge, assim, a pergunta orientadora deste estudo: De que maneira a metamorfose desse patrimônio cultural expressa os diálogos entre memória, ruína e reinvenção urbana?

Ao problematizar essa questão, torna-se necessário compreender os múltiplos sentidos sociais e históricos que envolvem o Cassina, desde os tempos em que hospedava elites nacionais até sua marginalização como cabaré e seu recente resgate como “Casarão da Inovação”. Tal movimento justifica-se pelo potencial do edifício em condensar experiências urbanas que atravessam dimensões de poder, exclusão e resistência. A análise crítica desse percurso ilumina não apenas a história de um prédio, mas também as disputas de sentido no espaço urbano.

Essa reflexão possui relevância social e acadêmica, pois evidencia como processos de degradação e revitalização de patrimônios não são neutros, mas atravessados por interesses políticos, econômicos e culturais. Do ponto de vista histórico, o estudo permite lançar novas luzes sobre a *Belle Époque* amazônica e suas contradições, enquanto juridicamente convoca o debate em torno da preservação de bens culturais e do direito à memória coletiva. Examinar o Cassina significa, portanto, interrogar a própria cidade de Manaus em sua tessitura simbólica e material.

No campo das pesquisas recentes, o tema tem sido abordado sob diferentes perspectivas, que vão da prostituição feminina em contextos urbanos até as práticas arquitetônicas de sociabilidade, incluindo debates sobre marginalidade, sexualidade e patrimônio. Essas contribuições revelam a importância de se articular olhares interdisciplinares, mas ainda demandam uma análise que una tais dimensões a partir de um estudo de caso emblemático. O Hotel Cassina se apresenta, assim, como chave de leitura privilegiada para pensar o entrelaçamento de passado e futuro em espaços de memória urbana.

Metodologicamente, a pesquisa se apoia em análise documental, leitura crítica de fontes históricas, uso de registros jornalísticos e relatos orais, além do diálogo com produções acadêmicas que problematizam gênero, sexualidade, urbanidade e patrimônio. Essa abordagem possibilita compreender o edifício tanto em sua materialidade arquitetônica quanto em suas

funções simbólicas. O procedimento analítico será conduzido a partir da interseção entre memória social e políticas de preservação, estabelecendo conexões entre ruína e reinvenção.

Por fim, este artigo está estruturado em quatro partes: a introdução, já apresentada; as seções de fundamentação teórica, que examinam o contexto de Manaus e a Belle Époque, a sociabilidade do Cassina, a relação entre gênero e prostituição, e a ressignificação do espaço; a conclusão, que retoma os principais achados e problematizações; e as referências, que sustentam o diálogo com a produção acadêmica. A contribuição maior do texto é oferecer uma leitura crítica e humanizada sobre como um patrimônio urbano pode transitar entre o luxo, a marginalidade e a inovação, sem perder sua centralidade simbólica.

Manaus e a Belle Époque Amazônica

O crescimento urbano de Manaus no final do século XIX foi marcado por um impulso arquitetônico que se projetava como evidência da modernidade na Amazônia. A narrativa construída em torno do Hotel Cassina revela essa inserção, pois a edificação representava não apenas um espaço de hospedagem, mas a expressão material do ciclo da borracha. Nesse contexto, a análise metodológica de Chartier (2002) orienta a compreender como a memória histórica é forjada por práticas discursivas e pela materialidade dos espaços, produzindo sentidos que ultrapassam sua função original.

Ao observar o cenário da cidade, percebe-se que Manaus buscava equiparar-se a centros europeus, investindo em iluminação elétrica, calçamento e equipamentos culturais. Sarges (2010) demonstra que esse movimento não foi exclusivo da capital amazonense, encontrando paralelos em Belém, onde a *Belle Époque* também deixou marcas profundas no espaço urbano. A presença de hotéis de luxo como o Cassina reforçava essa identidade cosmopolita, projetando Manaus como metrópole emergente e, ao mesmo tempo, evidenciando as contradições sociais presentes em seu tecido urbano.

Nesse percurso, Oliveira (2003) destaca que a cidade vivia uma dinâmica marcada pelo excesso, traduzido em contrastes entre requinte e precariedade. A descrição da vida urbana revela que o Cassina coexistia com a dureza do cotidiano de uma população submetida a desigualdades estruturais. Já Coutinho (2006) acrescenta que o espaço urbano manauara era permeado por práticas culturais que revelavam tanto a herança europeia quanto as particularidades amazônicas. Esse cruzamento de influências permite compreender como a modernidade se expressava em um território de tensões e de negociações culturais.

As atividades portuárias tiveram papel central nessa transformação, pois a circulação de mercadorias e pessoas sustentava o luxo dos estabelecimentos ligados à elite. Pinheiro (2003) demonstra que o porto de Manaus (Figura 1) concentrava conflitos e intensas relações de trabalho, funcionando como base econômica e social para a expansão da cidade. Assim, o Hotel Cassina (Figura 2) emergia como símbolo de uma elite ligada ao comércio gomífero, dependente da exploração do trabalho nos armazéns e embarcações. O edifício se tornava, portanto, parte de uma engrenagem maior que articulava riqueza, poder e desigualdade.

Esse processo não pode ser dissociado da presença de imigrantes, que introduziram novas práticas comerciais e culturais. Aguiar (2002) mostra como os espaços urbanos da Manaus dos anos 1950 e 1960 ainda carregavam vestígios dessa herança, revelando a permanência de memórias coletivas que atravessam gerações. O Hotel Cassina, fundado por Andrea Cassina, um comerciante italiano, exemplifica essa inserção, em que o fluxo migratório europeu se conectava às oportunidades criadas pelo ciclo da borracha. A memória social desses espaços foi, assim, moldada por uma presença estrangeira ativa na conformação urbana.

Ademais, Silva et al. (2025) analisam como resistências interétnicas e diálogos culturais marcaram a Manaus urbana, permitindo compreender que a cidade não era apenas receptora de influências externas, mas também espaço de negociação entre saberes locais e práticas importadas. Nesse horizonte, a arquitetura do Cassina se insere como ponto de intersecção entre culturas, evocando tanto a imponência europeia quanto a vivência amazônica. Essa leitura evidencia que a edificação não pode ser vista de forma isolada, mas como elemento vivo de uma rede de significados coletivos.

4012

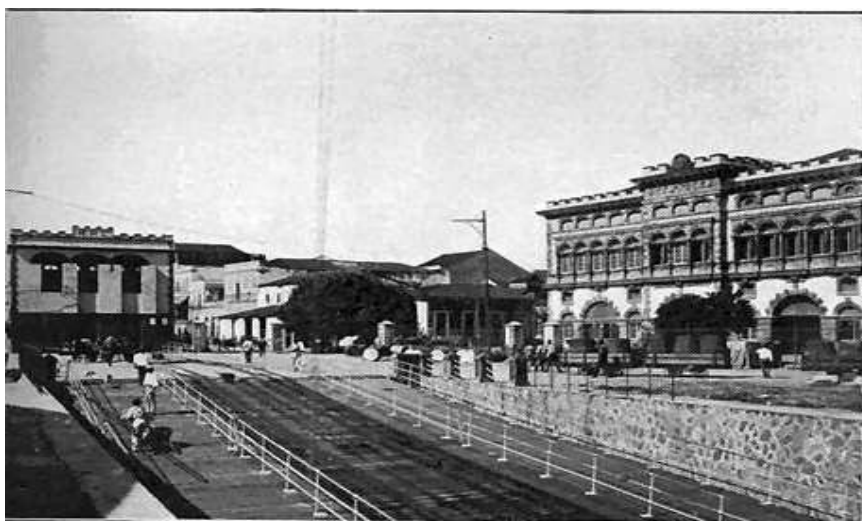


Figura 2 Entrada do Roadway da Manaos Harbour, ponte do porto de Manaus..

Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914.



Figura 2. Faixada do Hotel Cassina.
Fonte: Anuário de Manaus, 1913-1914.

A análise do Cassina, portanto, exige que se considere o contexto de modernização urbana, atravessado por desigualdades e disputas simbólicas. Chartier (2002) alerta que a história se constrói em zonas de incerteza, o que reforça a necessidade de olhar para o hotel como espaço em que memórias se sobrepõem. Nesse sentido, o edifício assume múltiplas camadas interpretativas, indo da representação do luxo ao testemunho da exclusão, movimento que dialoga com as ambivalências próprias do período da Belle Époque na Amazônia.

4013

A cidade, em sua ambição de modernidade, experimentava um ritmo acelerado de transformações urbanísticas. Sarges (2010) assinala que o mesmo entusiasmo em Belém refletia uma vontade política de inscrever a região na lógica global do progresso. Em Manaus, o Cassina ocupava um lugar estratégico ao lado de outros símbolos arquitetônicos, configurando-se como espaço que condensava valores de distinção social. A trajetória da edificação revela, assim, os paradoxos de um projeto urbano que mesclava luxo e decadência em curtos intervalos de tempo.

É nesse quadro que Oliveira (2003) e Coutinho (2006) permitem articular a urbanidade de Manaus à experiência social do Cassina, mostrando como práticas culturais locais se entrelaçavam a referências europeias. O hotel, enquanto espaço de encontro, representava o desejo de uma elite por reconhecimento externo, mas também explicitava as fragilidades internas da cidade. Esse movimento de apropriação cultural e adaptação local ajuda a compreender a força simbólica que a edificação exerceu sobre a coletividade, consolidando-se como parte inseparável da memória urbana.

Por fim, a reflexão de Silva et al. (2025) sobre resistências urbanas e interações culturais oferece um ponto de passagem para a próxima discussão. Ao pensar o Cassina como produto

da modernidade e também como espaço de tensões identitárias, abre-se o caminho para explorar mais diretamente a Belle Époque amazônica. Essa etapa permitirá examinar como o hotel dialogava com outros edifícios e práticas sociais do período, consolidando sua posição como símbolo das contradições históricas que moldaram Manaus.

O Hotel Cassina: Arquitetura, Sociabilidade e Decadência

O Hotel Cassina (Figura 3) ergueu-se em meio ao esplendor da *Belle Époque* amazônica, incorporando um estilo arquitetônico eclético que unia ornamentos clássicos e técnicas construtivas modernas. O edifício, arrendado por Andrea Cassina, materializava os valores de distinção de uma elite desejosa de marcar sua presença no espaço urbano. Como apontam Cavalcante e Guimarães (2007), a arquitetura não se restringe ao abrigo, mas projeta formas de sociabilidade, e nesse sentido o Cassina ultrapassava a função de hospedagem para tornar-se palco de encontros e afirmações de prestígio.

À medida que a cidade se transformava, o hotel consolidava-se como espaço de recepção de viajantes ilustres e de celebrações políticas. A memória de eventos que ali ocorreram demonstra como a estrutura arquitetônica era mobilizada para reforçar hierarquias sociais. Essa condição reforça o argumento de Aguiar (2012), segundo o qual a dignidade de um espaço não deriva apenas de sua materialidade, mas de seu reconhecimento coletivo como lugar de usos compartilhados e de experiências que se inscrevem na memória urbana.

4014



Figura 3. Propaganda do Hotel Cassina.

Disponível em: <<https://portalamazonia.com/cultura/conheca-a-historia-do-cabare-chinelo-atual-casarao-cassina-em-manaus/>>. Acessado em: 10.set.2025.

No entanto, a trajetória do Cassina foi também marcada por ambiguidades, revelando que sua monumentalidade não o isentou das crises econômicas e morais que atingiram Manaus. O esvaziamento do ciclo da borracha resultou em rebaixamento simbólico, convertendo-o em pensão e depois em cabaré. Santos Júnior (2005) demonstra que a prostituição, nesse período, constituía um fenômeno social ligado à pobreza e à exclusão, situando edifícios como o Cassina em uma fronteira instável entre distinção e marginalidade, onde a elite retirava-se e os usos se reinventavam.

A leitura desse processo implica perceber como os espaços urbanos adquirem novas funções, ainda que impregnados de antigas significações. Orun (2012) analisa a presença de mulheres judias na *Belle Époque* amazônica, sublinhando como sua atuação no submundo da prostituição problematizava as noções de moralidade e pureza social. O Cassina, nesse contexto, tornou-se cenário privilegiado dessas ambiguidades, refletindo a inserção de grupos estrangeiros em dinâmicas de sociabilidade tensionadas pela exclusão e pelo desejo.

De modo articulado, Figueredo (2010) aponta que a memória de bairros populares revela persistências de experiências marginalizadas no tecido urbano, mesmo quando esquecidas pelos registros oficiais. A decadência do Cassina não significou seu apagamento, mas a incorporação de novos significados associados ao prazer e ao estigma. O espaço ressignificado como “Cabaré Pé de Chinelo” carrega essa dupla face: ruína de um passado luxuoso e palco de práticas sociais marginalizadas, que permanecem vivas na lembrança coletiva.

Esse deslocamento entre prestígio e marginalidade permite pensar a centralidade da prostituição na experiência urbana. Fiorenti (2007) mostra como, em diferentes cidades brasileiras, as áreas de prostituição eram ao mesmo tempo reprimidas e necessárias para a sociabilidade masculina. A experiência do Cassina converge com esse quadro, em que festas e encontros noturnos conviviam com a estigmatização pública, revelando uma lógica de tolerância ambígua inscrita no espaço arquitetônico que antes fora símbolo de distinção social.

Ao lado disso, Pasini (2005) discute as relações de gênero em universos de prostituição, ressaltando como o corpo feminino era atravessado por dinâmicas de poder que extrapolavam a vida privada. O Cassina, em sua fase de cabaré, pode ser interpretado como território em que a prostituição feminina respondia a uma economia moral e afetiva da cidade, tornando-se elo visível entre marginalidade social e sobrevivência cotidiana. Assim, a transformação do espaço revela tensões que dialogam com desigualdades persistentes no tecido urbano.

Nessa perspectiva, a leitura de Aguiar (2012) sobre tutela jurídica em contextos coletivos ajuda a pensar o Cassina como patrimônio que, mesmo em decadência, conserva valor enquanto testemunho histórico. O edifício, ao ser abandonado pelas elites e ocupado por práticas marginalizadas, não perdeu sua dimensão pública, mas transformou-se em arquivo vivo de experiências urbanas. Esse caráter híbrido demonstra que a história de uma edificação não pode ser reduzida a sua materialidade, mas deve considerar usos, memórias e apropriações sucessivas.

Desse modo, a análise do Cassina evidencia como a arquitetura pode se converter em cronista silencioso de práticas sociais. Cavalcante e Guimarães (2007) sugerem que o espaço arquitetônico funciona como linguagem, inscrevendo no corpo da cidade os rastros de experiências coletivas. No Cassina, essa linguagem atravessa do luxo ao estigma, compondo um campo de significados que revela a historicidade da vida urbana em Manaus e suas contínuas reconfigurações diante das crises econômicas e das moralidades mutáveis.

Por fim, a compreensão de que o Cassina circulou entre símbolos de luxo e estigmas de marginalidade abre caminho para refletir sobre sua inscrição na memória coletiva. Figueredo (2010) e Pasini (2005) demonstram que a lembrança desses espaços persiste, mesmo em sua ruína, como narrativas que atravessam o tempo e se ressignificam. Esse movimento introduz a seção seguinte, dedicada a examinar como a *Belle Époque* amazônica estruturou o cenário cultural e social no qual o Cassina se consolidou, projetando tanto o esplendor quanto as contradições de sua época.

Sexualidade, Gênero e Marginalidade Urbana

O Cassina, em sua fase como cabaré Pé de Chinelo, condensava camadas de sociabilidade que ultrapassavam a função de lazer, tornando-se território de negociações simbólicas. As práticas sexuais ali estabelecidas não podem ser vistas como marginalidade isolada, mas como parte da experiência urbana que conferia identidade ao centro histórico. A análise de Blanc (2010) ajuda a compreender que a prostituição, longe de ser apenas clandestina, constitui-se como fenômeno estruturante de espaços sociais, revelando circuitos de prazer e exclusão.

As dinâmicas que se desenhavam nesse espaço estavam profundamente ligadas a discursos de poder que atravessavam corpos e condutas. A leitura de Stearns (2010) mostra que a sexualidade na modernidade foi constantemente tensionada entre repressão e resistência,

processo que se manifesta de forma evidente no Cassina. O cabaré se tornava arena em que a moralidade pública e a prática privada se entrecruzavam, produzindo tanto controle quanto liberdade, o que revelava a natureza ambígua desse espaço.

Na perspectiva de uma história cultural, é possível perceber como o erotismo funcionava como linguagem social que atravessava as práticas do cabaré. Priore (2011) argumenta que o erotismo no Brasil assumiu papel de distinção e também de espetáculo, fenômeno que se encontra na memória do Cassina. A presença feminina, ao mesmo tempo exaltada e estigmatizada, inscrevia-se na cidade como signo de prazer e transgressão, revelando a maneira como a sexualidade se projetava nos espaços urbanos.

Os discursos que circulavam no Cassina reforçavam contradições entre moralidade e desejo, especialmente em relação ao papel da mulher. Cardoso (2010) demonstra como, nas primeiras décadas do século XX, o casamento e o amor eram pautados por ideais de controle do corpo feminino, mas paralelamente surgiam espaços que legitimavam a presença dessas mesmas mulheres em práticas tidas como desviantes. Essa contradição se tornava visível no cabaré, onde a mulher era simultaneamente central e marginal.

Outro ponto relevante é a associação entre sexualidade e contravenção, sobretudo em áreas de imigração. Matté (2008) identifica que essas práticas eram, muitas vezes, estratégias de sobrevivência diante de contextos de vulnerabilidade. No caso de Manaus, a memória do Cassina indica que o espaço reunia diferentes origens e experiências, construindo um campo híbrido em que a transgressão era tanto condição de exclusão quanto recurso de integração social.

A prostituição ligada a jovens estrangeiras também deixou marcas profundas no imaginário da cidade. Largman (2007) analisa o fenômeno das chamadas “polacas”, destacando a forma como a pobreza e o deslocamento forçado impulsionavam trajetórias vinculadas ao comércio sexual. Esse quadro ecoava na Manaus da Belle Époque, em que a presença de imigrantes ampliava a diversidade de práticas no Cassina, reforçando sua posição como espaço de sociabilidade transnacional e tensionada.

Ao lado dessas experiências, os bordéis brasileiros ganharam notoriedade como espaços de contradição social, o que se observa na análise de Mello (2002). O autor indica que os prostíbulos, embora estigmatizados, funcionavam como arenas de convívio que conectavam elites e camadas populares em torno de práticas sexuais. No Cassina, esse trânsito social

reforçava o caráter paradoxal da edificação, que já havia sido símbolo de requinte e agora carregava o peso da estigmatização moral.

Nesse mesmo horizonte, a leitura de Novaes e Lobo (2003) demonstra como a cultura sexual urbana transitava de cabarés para os motéis, constituindo uma história longa da mercantilização do prazer. O Cassina pode ser interpretado dentro desse processo, pois a passagem de hotel a cabaré insere-se em uma lógica de reinvenção dos espaços destinados à sexualidade. Essa transformação materializa uma permanência histórica do prazer como elemento estruturante da experiência cidadina.

A marginalidade que se projetava sobre o Cassina não se limitava à prostituição, mas envolvia um conjunto de práticas sociais invisibilizadas pelos discursos oficiais. A memória da cidade conserva narrativas de festas, encontros e relações afetivas que escapavam às normas, compondo uma geografia simbólica própria. Nesse sentido, a análise de Stearns (2010) e Priore (2011) reforça a ideia de que a sexualidade, quando situada em espaços como o cabaré, adquire valor de documento histórico, registrando experiências silenciadas e ao mesmo tempo fundamentais.

Essa leitura permite compreender que o Cassina, mesmo em sua decadência, permaneceu como testemunho vivo de práticas sociais que desafiaram as fronteiras entre moralidade e prazer. A passagem do luxo ao estigma revela como os espaços urbanos se reinventam, e essa dinâmica abre caminho para a próxima discussão. Assim, a seção seguinte examinará memória, ruína e ressignificação do Cassina, refletindo sobre como esse edifício, ao ser restaurado, mantém inscritas em suas paredes as experiências de transgressão que o marcaram.

4018

Memória, Ruína e Ressignificação Contemporânea

A trajetória do Cassina, da opulência ao abandono, permite refletir sobre a forma como a memória urbana se inscreve nas materialidades em ruína. As paredes tomadas pela vegetação e os salões vazios não apenas testemunhavam a decadência econômica, mas evocavam experiências sociais ainda vivas no imaginário da cidade (Figura 4). Como destaca Freitas (2006), a história oral constitui recurso fundamental para compreender essas lembranças, já que são os depoimentos coletivos que mantêm o edifício em circulação simbólica mesmo quando fechado.



Figura 4. Ruínas do Hotel Cassina.

Disponível em: < <https://mdc.arq.br/2023/06/29/casarao-da-inovacao-cassina/>>. Acessado em: 17.set.2025.

Nesse horizonte, a ruína adquire uma densidade interpretativa que não se limita à perda arquitetônica. A análise de Figueiredo (2010) demonstra que comunidades urbanas conservam fragmentos de memória que ultrapassam a ausência de uso formal. O Cassina, mesmo em sua condição de prédio abandonado, continuava sendo lembrado como cabaré e hotel, revelando que o patrimônio se mantém vivo não pela conservação física, mas pela permanência de narrativas que circulam na esfera social.

Ao considerar esse entrelaçamento, percebe-se que a ressignificação contemporânea do Cassina mobilizou uma disputa entre ruína e futuro. A restauração arquitetônica, conduzida pela prefeitura de Manaus no âmbito do programa “Manaus Histórica”, preservou elementos originais, como a argamassa pigmentada com pó de pedra jacaré, ao mesmo tempo em que introduziu fachadas de vidro e jardins tropicais (Figura 5). Essa operação arquitetônica pode ser lida, como sugere Coutinho (2006), como tentativa de reinserir o patrimônio na vida urbana por meio da conciliação entre passado e inovação.



Figura 5. Casarão Hotel Cassina.

Disponível em: <<https://mdc.arq.br/2023/06/29/casarao-da-inovacao-cassina/>>. Acessado em: 17.set.2025.

O projeto do “Casarão da Inovação” inscreve o edifício no campo da economia criativa, transformando-o em polo de tecnologia e digitalização. Esse processo resgata a dignidade coletiva atribuída ao patrimônio, perspectiva que Aguiar (2012) relaciona à tutela de bens imateriais. O edifício, antes estigmatizado, passa a ser valorizado como centro de memória e de futuro, em que as tensões da ruína são incorporadas como parte de sua nova identidade urbana.

4020

Além disso, a inserção de áreas de contemplação e jardins tropicais cria uma experiência sensorial que conecta o espaço à paisagem amazônica. O arquiteto Laurent Troost, responsável pelo projeto, aponta que a transparência e a leveza dos materiais contemporâneos permitem articular ruína e modernidade. Essa leitura aproxima-se das reflexões de Fiorenti (2007), ao indicar que a memória de espaços marcados pela prostituição pode ser resignificada quando integrados a novos usos sociais, sem que isso signifique apagamento de suas camadas históricas.

Com efeito, a patrimonialização do Cassina não se restringe a sua dimensão física, mas insere-se em uma lógica de turismo cultural que busca devolver vitalidade ao centro histórico. A edificação, tombada pelo decreto municipal nº 7.176/2004, passa a figurar como marco de preservação e símbolo de reinvenção urbana. A esse respeito, a leitura de Freitas (2006) sobre a construção de narrativas orais reforça que a memória coletiva encontra, na reabertura do espaço, uma oportunidade de reinscrição no cotidiano.

A ruína, portanto, deixa de ser um vazio para transformar-se em interface entre passado e presente. A operação de restauro não elimina a decadência anterior, mas a incorpora como parte da narrativa patrimonial. Figueiredo (2010) demonstra que esse processo de reinscrição social é decisivo para manter viva a identidade comunitária. No caso do Cassina, a ressignificação reativa lembranças de exclusão e prazer, agora ressoando em um espaço voltado para a inovação tecnológica e para o futuro urbano.

Sob esse prisma, o Cassina se configura como documento de múltiplas camadas, no qual a memória do cabaré Pé de Chinelo convive com a imagem atual de polo digital. Essa convivência revela que a história urbana não se dá por substituição, mas por sobreposição de significados. Coutinho (2006) e Aguiar (2012) reforçam que a preservação do patrimônio exige considerar tanto sua materialidade quanto os sentidos atribuídos coletivamente, pois é no cruzamento entre ruína e reinvenção que se constitui o valor simbólico do edifício.

Ao reocupar o Cassina, a cidade reinscreve no presente uma edificação marcada por ambiguidades, sem neutralizar as memórias de marginalidade e transgressão. Fiorenti (2007) recorda que tais memórias são fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais urbanas, e a ressignificação contemporânea permite que elas continuem a dialogar com novas práticas. A ruína restaurada, nesse sentido, não é apagamento, mas ampliação de sua capacidade de significar em diferentes temporalidades.

Em resposta ao questionamento inicial, a metamorfose do Cassina expressa diálogos complexos entre memória, ruína e reinvenção urbana. O edifício funciona como palimpsesto, em que camadas de opulência, decadência e inovação se sobrepõem, revelando como a cidade negocia suas heranças ao projetar futuros. Essa articulação confirma que o patrimônio cultural não é estático, mas processo vivo de disputas, reapropriações e reinserções, em que a dignidade coletiva emerge da capacidade de um espaço de condensar passado e projetar horizontes de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida demonstrou que o antigo Cassina se configura como espaço emblemático de transformações urbanas, condensando opulência, marginalidade e reinvenção. A trajetória do edifício confirmou a hipótese de que a metamorfose de patrimônios culturais reflete tensões sociais e simbólicas inscritas na cidade. A passagem do luxo ao estigma e,

posteriormente, à revitalização como centro de inovação evidencia a pluralidade de significados atribuídos ao espaço.

Os resultados indicam que o edifício não apenas acompanhou, mas materializou dinâmicas de poder, exclusão e resistência. O questionamento sobre a capacidade do patrimônio expressar diálogos entre memória e reinvenção encontra resposta crítica ao revelar que a ruína não se limita ao passado, mas se torna elemento ativo na produção de novos sentidos urbanos. O Cassina, nesse movimento, confirma a vitalidade da memória como força transformadora.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa contribui ao aprofundar a compreensão da ruína como processo e não como fim. O edifício analisado mostrou que as marcas da decadência não anulam sua importância, mas a ampliam ao inscrevê-lo em temporalidades múltiplas. Do ponto de vista prático, a transformação em polo de inovação demonstra como políticas públicas e projetos arquitetônicos podem ressignificar patrimônios, fortalecendo sua função social e simbólica.

As implicações dessa leitura reforçam que os patrimônios urbanos não devem ser tratados como objetos estáticos, mas como processos dinâmicos em constante negociação com a sociedade. A permanência de memórias marginalizadas, agora inscritas em um espaço institucionalizado, desafia concepções tradicionais de preservação. Assim, o Cassina se torna referência para pensar novas formas de integrar patrimônio, memória coletiva e desenvolvimento urbano em diálogo constante.

A continuidade dessa linha de pesquisa pode ser enriquecida por estudos que explorem outras edificações marcadas por trajetórias de opulência, decadência e ressignificação. A comparação com contextos distintos permitirá ampliar a compreensão de como cidades negociam suas memórias, enfrentam tensões entre esquecimento e valorização e reinventam suas paisagens urbanas. Essa abordagem pode expandir horizontes para novas leituras críticas do patrimônio cultural.

Por fim, a investigação reafirma que os espaços em ruína guardam potências para a cidade contemporânea, não como vestígios de um passado imobilizado, mas como campos de reinvenção. O caso analisado evidencia que a dignidade de um patrimônio não está apenas em sua preservação física, mas na capacidade de condensar narrativas múltiplas e projetar futuros possíveis. A cidade, ao reinscrever o edifício em seu cotidiano, reinscreve também a si mesma em novas camadas de memória e de significação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Denison Melo de. O princípio da dignidade da pessoa humana e a tutela jurídica do conhecimento tradicional associado ao manejo pesqueiro. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2012.

AGUIAR, José Vicente de Souza. Manaus praça, colégio e cinema anos 50 e 60. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2002.

BLANC, Claudio. Uma breve história do sexo. São Paulo: Editora Gaia, 2010.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Identidade de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960). Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2010.

CAVALCANTE, Lauro; GUIMARÃES, Dinah. Arquitetura de motéis cariocas: Espaço e organização social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CHARTIER, Roger. À Beira da falésia: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COUTINHO, Carlos Augusto. Manaus: aspectos históricos e culturais. Manaus, 2006.

FIGUEREDO, Aguinaldo Nascimento. Bairro de Santa Luzia – História e memória do povo do Emboca. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

FIORENTI, Mariana Cunha Ferrari. Vila Palmira – prostituição em Florianópolis e São José (1960-1980). In: FÁVERI, Marlene; SILVA, Janine Gomes; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Prostituição em áreas urbanas: História do tempo presente. Florianópolis: UDESC, 2007.

4023

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: Possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2006.

LARGMAN, Esther. Jovens polacas: Da miséria na Europa à prostituição no Brasil. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2007.

MANAUS (Município). Decreto nº 7.176, de 18 de março de 2004. Dispõe sobre o tombamento do prédio do antigo Hotel Cassina, localizado na Praça Dom Pedro II, como patrimônio histórico e cultural do Município de Manaus. Diário Oficial do Município de Manaus, Manaus, 18 mar. 2004.

MATTÉ, Aline Karem. Prazeres velados e silêncios suspirados: Sexualidade e contravenção na região colonial italiana (1920-1950). Dissertação (Mestrado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2008.

MELLO, Lucius de. Eny e o grande bordel brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NOVAES, Carlos Eduardo; LOBO, César. Sexo para principiantes: Da idade das cavernas à era dos motéis. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Manaus de 1920-1967: A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer; EDUA, 2003.

ORUN, T. Thomas. As mulheres das portas abertas: judias no submundo da *Belle Époque* amazônica (1890-1920). *Revista Estudos Amazônicos*, v. VIII, n. 1, 2012.

PASINI, Elisiane. Os homens da Vila: Um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2005.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: Trabalho e conflito no porto de Manaus, 1899-1930. Manaus: EDUA, 2003.

PRIORE, Mary Del. Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro dos. Pobreza e prostituição na *Belle Époque* manauara: 1890 – 1917. *Revista de História Regional* 10(2):87-108-, Inverno, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Clodoaldo Matias da; COSTA, Aretusa Fraga; OLIVEIRA, Maria das Graças Maciel de; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares de. Entre saberes ancestrais e vozes femininas: diálogos interétnicos e resistências da AMISM na Manaus urbana. *Revista Taka'a*, Barra do Bugres (MT), v. 3, e2025006, 2025.

STEARNS, Peter N. História da sexualidade. São Paulo: Contexto, 2010.